

# DR. SABIDINHO – O TRANSPORTE DOS SABERES

Programa de Acessibilidade à Educação em Saúde Pública

---

**Pedro Antonio FEDERSONI JR<sup>1</sup>,**  
**Silvana Campos da Rocha CALIXTO<sup>1</sup>**

*<sup>1</sup>Instituto Adolfo Lutz - Divisão de Serviços Básicos  
Centro de Memória - MusIAL - Museu do Instituto Adolfo Lutz*

---

**E**m 1985, atendemos, no Museu do Instituto Butantan, a primeira turma especial de visitantes, composta de 88 deficientes visuais e percebemos que, na nossa museografia, a comunicação com o público de aproximadamente 2 000 visitantes diários não era totalmente inteligível<sup>2</sup>. Aprendemos que o público fruidor de museus é polimórfico, polissêmico, polissensível e, por vezes, multideficiente, faltando-lhe, assim, meios naturais de inteligibilidade e percepção. Constatamos que inúmeras necessidades especiais são detectadas nos visitantes a cada passo, desde a impossibilidade de ver e/ou ouvir, e até mesmo de entender o que se vê explicado, causado pelo analfabetismo e estrangeiros, que não lêem em idioma português.

Reconhecemos aquele que é privado de se locomover normalmente, até a dificuldade do idoso, em deambular com firmeza. Percorremos a linha da compreensão, que leva o deficiente intelectual, desde a incompreensão total até o entendimento limítrofe. Entendemos os casos temporários, de gravidez, ou de obesidade extrema, que impedem a passagem por locais demasiadamente estreitos. Deparamos com visitantes com alergias, crises neurológicas, fraturas de membros inferiores. Tudo passou a ser contemplado com pesquisas, estudos de casos, treinamentos especiais, cursos mais aprofundados e experienciamento de situações limitantes para a compreensão plena de algum assunto<sup>1,4</sup>.

Para entender o público especial, nós mesmos vendamos os olhos e tentamos andar pelos caminhos do Museu. Usamos tapa-ouvidos e tentamos comunicação com outros visitantes, apesar da não-audiência; andamos em muletas e em cadeiras de rodas testando os níveis e desníveis do roteiro expográfico. A partir daquela primeira visita “especial”, em 1985, todas as práticas museológicas

direcionam-se para a irrestrita fruição do Museu, pesquisando novas técnicas de comunicação versando sobre história, filosofia e ciência. E, tudo passou a ser mais bem compreendido, quando os objetos museais, até então, simplesmente expostos, passaram a fazer parte de um grande jogo de aprendizado, com peças manuseáveis, palpáveis, audíveis e sentidas olfativamente por todos os visitantes, não somente pelos deficientes. Assim, essa técnica passou a fazer escola para vários museus e instituições educacionais.

O processo de criação museográfica transformou-se, agregando novos conceitos educacionais e técnicas de produção de materiais, recriando experimentos tradicionais, montando maneiras simples/baratas de incentivar professores de escolas públicas das periferias economicamente desvalidas a criar seus próprios modelos e réplicas, dentro da realidade de suas comunidades e, principalmente, peças originárias de materiais recicláveis, encontradas em qualquer caçamba de lixo.

Oficinas já foram oferecidas, inclusive fora de São Paulo (prévia da SBPC, RJ; na “Casa de Vital Brazil”, em Campanha, MG, ambas em 2008). Ali, técnicas simples de confecção de réplicas e modelos biológicos foram ensinadas a professores da rede pública das cidades-sede e das circunvizinhas. Nosso aprendizado particular tem levado esses ensinamentos às salas de aulas, urbanas ou rurais, dando possibilidade de alunos visualizarem estruturas biológicas que nunca veriam, se dependessem de caros microscópios. Tais atividades trazem inúmeras informações para os pesquisadores, que recebem subsídios de professores atarantados pela imposição das Normas de Educação, com a obrigatoriedade de “inclusão” de alunos portadores de necessidades especiais de aprendizado enxertados nas classes preexistentes. Tais professores, sem

---

saber como, sem receber instrução para atendimento ao menos razoável, sem o mínimo de formação para tal fim, têm-se visto diante de classes de jovens, também despreparados para receber os novos colegas especiais.

Ao se oferecer esse tipo de oficinas, além de técnicas artesanais, são feitas discussões e estudos de casos. Esse processo tem trazido questionamentos que o Museu do Instituto Adolfo Lutz (MusIAL) tem podido responder e, quando não, tem podido estudar, em conjunto, fórmulas novas para o aprendizado especial. A criatividade desses professores tem inspirado a elaboração de novas peças e novas técnicas de desenvolvimento do trabalho. Ao trazerem suas vivências pessoais, esses educadores nos dão meios de intercambiar maneiras de abordagens de problemas, modos de “contar histórias” para quem não vê, estilos de abordagem a problemas comuns entre as pessoas com necessidades especiais. É um aprendizado de “dois sentidos”<sup>2,3</sup>.

Em 2005, o Núcleo José Reis de Divulgação Científica nos convidou para coordenar um módulo do seu curso, com o título “Museu como modelo de Educação Não Formal”. Isto foi repetido em 2006, com período de aulas duplicado e com montagem prática de “Museus” manuseáveis, em cada grupo de quatro alunos. No mesmo ano, recebemos convite para participar, como alunos, do Curso oferecido pelo Programa Educativo para Pessoas Especiais (Pepe), da Pinacoteca de São Paulo. Após o término, passamos a fazer parte do corpo docente do Curso, a partir de 2007.

Atualmente, participamos de cursos de especialização em áreas de educação especial e de técnicas de aproximação com públicos especiais (em parceria com o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, no programa “Igual Diferente”, participando do “Curso Imagem e Percepção”, com aulas de “Fotografia para Cegos”, no qual os cegos aprendem a tirar, interpretar e catalogar fotos e os alunos videntes são vendados e passam pelas mesmas dificuldades).

O percurso, desde 1985, passou por 13 anos experimentando e criando materiais e meios educativos no , Museu do Instituto Butantan (MIB), oito anos no , Museu do Instituto Biológico (MIBio) e, desde 2006, no MusIAL. A avaliação e a validação do trabalho é feita por entidades e profissionais especializados. Peças e jogos contam com avaliação técnica dos técnicos e dirigentes da Fundação Dorina Nowill para Cegos; do ,Projeto Educativo para Adolescentes e Adultos (deficientes intelectuais) (Pepa); da empresa “Museus Acessíveis Serviços Museológicos e Culturais”, ligada à Artemisia

Foundation. Além disto, somos auxiliados pela APAE, DERDIC, E.E. “Helen Keller”, Secretaria Municipal Especial da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida.

O material produzido especificamente para o MusIAL consta de Pranchas em Braille sobre: fotografias de grandes cientistas; edifícios históricos relacionados com a ciência brasileira; micro e macro-organismos. Pranchas manuseáveis representando conceitos “Do grande para o pequeno”; mostrando impressão digital e passando a elementos menores imitando “lâminas de microscopia óptica e eletrônica” sobre: citologia (de conceitos inteligíveis como um “homem de areia”, onde cada grão é uma célula, até organelas celulares), histologia (tecidos humanos normais: sanguíneo, cartilaginoso, ósseo, muscular, nervoso). Modelos e réplicas de vírus, bactérias, fungos, protozoários parasitas e vermes; insetos vetores. Modelos e réplicas de alimentos comuns na vida cotidiana, que podem ser transmissores de várias doenças. Material biológico natural – preservado a seco e em via úmida.

Em 2006, o MusIAL foi contemplado com a doação, pela Ouvidoria da Secretaria da Saúde de São Paulo, de dois carrinhos de madeira, que serviam originalmente ao Programa “Leia Comigo!” de Bibliotecas, que circulam em salas de espera de casas de saúde. Eles foram preenchidos com o material descrito e rebatizados com o nome: “Dr. Sabidinho – O Transporte dos Saberes”. Os visitantes do MusIAL, agora, contam com todo o material histórico exposto, acrescido das maquetes, réplicas, modelos, material biológico, todos manuseáveis e, quando necessário, com atendimento diferenciado para visitantes com necessidades especiais de qualquer tipologia.

Um museu que pode ser fruído sem barreiras inteligíveis por uma pessoa “eficiente”, mas que não possua perfeita visão, audição, movimento ou intelectualidade, certamente, será um museu que pode ser compreendido por qualquer visitante que não seja portador de deficiência alguma.

---

## REFERÊNCIAS

1. Bolonhini Jr R. Portadores de Necessidades Especiais – As principais prerrogativas dos portadores de necessidades especiais e a legislação brasileira. 1ª Ed., São Paulo: ARX; 2004, 381p.
2. Federsoni Jr PA, Vitiello N, Calixto SCR, D’Agostini S. Museu para deficientes: um aprendizado de “dois sentidos”. *Biológico*, 2000; 62(1):11-31.
3. Federsoni Jr PA, Calixto SCR. “Museu: a mídia multissensorial”. *Rev Espiral*, Placa de Petri, 2006;8(29).
4. Matui J. Construtivismo – teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. 1ª Ed., São Paulo: Moderna; 1998, 247p.